

**REQUERIMENTO Nº        DE 2002.**  
**(Da Senhora Deputada Vanessa Grazziotin – PCdoB/AM)**

Requer que seja realizada Sessão Solene da Câmara dos Deputados para o dia 16 de abril de 2002, às 10 horas, a fim de homenagear o 53º aniversário do Jornal “**A Crítica**”.

**Senhor Presidente:**

Nos termos do artigo 68 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, solicito realização de Sessão Solene para o dia 16 de abril do corrente ano, a fim de homenagear o 53º aniversário do Jornal “**A Crítica**”.

O jornal A Crítica foi fundada pelo jornalista Umberto Calderaro Filho em 19 de abril de 1949.

O Jornal A Crítica veio para incentivar o debate, o questionamento dos atos das autoridades e assumir o papel de porta-voz da população.

Na Manaus de 40 e 50, a comunicação se fazia através do rádio e dos alto-falantes. A leitura era privilégio de poucos. A Crítica, no entanto, começou a ditar uma linha editorial de oposição aos governos, em especial ao de Leopoldo da Silva Neves e lançou campanhas que mobilizaram a população como a que moveu contra a desativação dos bondes, principal meio de transporte da cidade, a que pedia o fim do jogo (Manaus era um cassino) e a que defendia o Banco de Crédito da Borracha, agência-esteio dos produtos da região, e a que acompanhou o desenrolar da primeira greve bem sucedida na cidade, promovida por portuários.

Quando A Crítica foi fundada quase 70% da população amazonense era composta de analfabetos. Lançar um jornal com perspectivas de ganhar o grande público era uma tarefa inglória. A informação escrita estava localizada apenas na elite intelectual da cidade, que era ínfima.

A proposta de A Crítica era levar a notícia impressa ao maior número de pessoas, tendo de competir com as rádios.

Hostilizada pelo governo petebista no Amazonas, de 1959 a 1964, A Crítica passou por inúmeras dificuldades. O comércio era proibido de anunciar no jornal, governo e prefeitura promoviam devassas fiscais, ameaças de morte e atentados, vindos de fontes não identificados oficialmente, contigenciaram aqueles dias.

Em 20 de janeiro de 1959 atiraram uma bomba em A Crítica, que por pouco, não ceifava a vida do jornalista Umberto Calderaro Filho. O artefato caiu na mesa de trabalho de Calderaro, que se levantara segundos antes. Foram destruídos no evento os exemplares dos primeiros tempos do jornal, além de móveis e utensílios.

Durante esse período A Crítica só deixou de circular no dia posterior ao atentado. Logo a seguir estava nas ruas, mantendo suas posições.

A economia do Amazonas, após a Segunda Guerra Mundial, experimentava seu pior momento. Somente a cultura da juta e da malva ainda ocupavam uma parte da população. O comércio falira com a quebra dos preços da borracha. Faltava água, luz, os bondes paravam e a comida era racionada. Em 1957, o deputado federal Francisco Pereira da Silva (AM) apresentou um Projeto de criação de uma área de incentivos fiscais para a cidade, logo encampada por A Crítica.

Percebendo a dimensão da proposta, A Crítica saiu com edições especiais e colocou carros com alto-falantes nas ruas conclamando a sociedade e as lideranças políticas e empresariais a defenderem o Projeto, que, no entanto, somente se veio a concretizar dez anos depois, através do Decreto 288, que regulamentou a Zona Franca de Manaus, em 28 de fevereiro de 1967. Durante todo esse tempo A Crítica persistiu na luta.

A partir da implantação, A Crítica foi a mais intransigente defensora do modelo econômico que tirou a cidade do atraso.

Quando estourou o escândalo do Colarinho Branco, sistema de operações criminosas que vendia cotas de importação e fraudava a SUFRAMA ( Superintendência da Zona Franca de Manaus), A Crítica denunciou os malfeitores, mas ressaltou a necessidade de se preservar a Zona Franca, livre das amarras que a prendiam.

A linha independente de A Crítica levou por vezes a sérias brigas com alguns governantes. No princípio, o jornal era de oposição, quase panfletário. Depois, com a credibilidade sedimentada, concentrou-se na informação propriamente dita, sem perder a fibra que caracterizava seu fundador. A convivência com os governadores Leopoldo Amorim da Silva Neves (1949), Plínio Ramos Coelho (1959) e Amazonino Mendes, em meio ao seu primeiro mandato (1989) foi extremamente difícil.

Hoje, A Crítica possui um manual de redação, onde se acha consolidada a experiência de mais de 50 anos de trabalho. O interesse público deve ser prioridade, os protagonistas das notícias precisam ser respeitados e a ética deve presidir todas as decisões editoriais, dispõe o manual.

Além disso, figuras proeminentes do Amazonas começaram suas vidas públicas nas páginas de A Crítica, no decorrer desse meio século.

Diante do exposto, entendemos ser de suma importância homenagear o Jornal “**A Crítica**”, visto a grande contribuição que o referido jornal deu e continua dando ao estado do Amazonas.

**Sala das Sessões em, 19 de fevereiro de 2001.**

**Deputada- Vanessa Grazziotin - PCdoB/AM**